

queville — lembra o Autor — o processo democrático produziu e elevou ao poder homens como Lincoln, Wilson e Franklin Roosevelt. Num cargo que exige notáveis capacidades, menos de um têrço dos homens eleitos foi julgado inferior à média. Um têrço, aparentemente, mostrou grandeza ou quase grandeza. Nenhuma dinastia hereditária, conclui o autor, poderia aproximar-se de tais resultados...

A abundante documentação ilustrativa, já o lembramos, torna o livro atraente e especialmente valioso como documentário.

MARIA LÚCIA DE SOUZA RANGEL

*

* *

CARVALHO (Alfredo de). — *Biblioteca Exótico-brasileira*. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional. 1964.

Em 1929, a expensas do governo de Pernambuco, então presidido por Estácio Coimbra e sob os cuidados de Eduardo Tavares, publicou-se a *Biblioteca Exótico-brasileira* do historiador pernambucano Alfredo de Carvalho. Compreendia a obra três volumes, totalizando mais de mil páginas e abrangendo os autores estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, da letra A até a letra M, pela ordem alfabética dos sobrenomes. Não se tratava dum simples levantamento bibliográfico, pois para muitos e muitos títulos o autor escreveu apreciações críticas bem extensas e sempre extremamente judiciosas. Representava longo e paciente trabalho de pesquisa a que desde a mocidade se abalancara o escritor pernambucano, que não teve, porém, a dita de vê-lo publicado, pois falecera em 1916, deixando uma vasta obra composta na maior parte de artigos em jornais e revistas, reunidos posteriormente em livros, na qual revela exatidão, probidade e cuidadosa pesquisa no campo da erudição, mas sem constituir, todavia, “uma obra de conjunto, sistematicamente planejada, orgânicamente investigada e estruturalmente composta na sua textura”, segundo observa José Honório Rodrigues. Apenas alguns de seus trabalhos, como os estudos sobre a imprensa periódica no Brasil, sobre a pré-história sul-americana e sobre o tupi na corografia pernambucana, revelam um sentido orgânico e uma preocupação maior de sistematização, o mesmo acontecendo também com a bibliografia estrangeira, objeto desta nota. O fato de ser versado em várias línguas, entre elas o alemão e o holandês, propiciou-lhe oportunidade de travar contacto com as fontes referentes ao período holandês em Pernambuco, traduzindo muita coisa, à qual acrescentava sempre notas e observações pessoais que valorizaram enormemente os textos traduzidos.

Convém assinalar que na época em que o trabalho de Alfredo de Carvalho veio a lume, era bem precário o nosso conhecimento acerca da bibliografia estrangeira relativa ao Brasil, pois nenhum dos grandes autores do século XIX havia sido traduzido na íntegra. Nem Mawe, nem Saint-Hilaire, nem Martius, nem Eschwege, nem Gardner, nem Agassiz, nem Bates, nem Wallace, para citar apenas os mais conhecidos. Apenas de Martius, Pirajá da Silva publicara a parte referente à Bahia e de Saint-Hilaire havia sido publicado um modesto volume

contendo parte da viagem a São Paulo e ainda assim apenas a parte descritiva das cidades paulistas que o grande sábio visitou, vindo de Goiás e a caminho do sul do país. E quanto aos autores do período colonial, o desconhecimento era ainda maior, pois suas obras originais eram mais raras. Apenas o Jean de Léry havia sido traduzido por Tristão de Alencar Araripe, numa tradução inçada de erros, decorrentes da falta de conhecimento, por parte do tradutor, do francês quinhentista. De Hans Staden havia uma tradução incompleta feita por Alberto Loeffgren e publicada pelo Instituto Histórico de São Paulo em comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil. E dos autores holandeses, um ou outro excerpto traduzido pelo próprio Alfredo de Carvalho e publicado em jornais e revistas de Pernambuco, portanto de circulação restrita. Fora isto, apenas algumas resenhas, publicadas por Afonso de Escagnolle Taunay, dos viajantes mais conhecidos.

Hoje a situação é bem outra. Só na bibliografia que tivemos ocasião de organizar e que se encontra publicada no *Boletim Paulista de Geografia*, volume 36, foram arrolados 49 autores, num total de 57 obras, limitadas exclusivamente ao século XIX e àquelas já traduzidas, a fim de dar um caráter prático ao nosso trabalho e torná-lo útil aos estudantes, pois a extrema raridade das edições originais dessas obras tornam-nas inacessíveis ao nosso público. E mais ainda: ativemo-nos às obras de interesse geral, aquelas que poderiam servir para um conhecimento do Brasil na época visitada por seus autores.

Mas, voltando à obra de Alfredo de Carvalho, lamentávamos todos que o erudito autor pernambucano não a houvesse completado, tendo ficado na letra M, conforme assinalamos. Regozijemo-nos, agora, nós todos, interessados em bibliografia estrangeira sobre o Brasil, pois a *Biblioteca Exótico-Brasileira* acaba de ser completada com a publicação dos verbetes restantes, de N a Z. Tal iniciativa coube à Biblioteca Nacional, que a incluiu no volume 77 de seus *Anais*, correspondente a 1957, mas efetivamente publicado só em 1964. Os originais de todos os trabalhos de Alfredo de Carvalho, logo após o seu falecimento, foram adquiridos pela Biblioteca Nacional, de onde foram agora exumados para a complementação de seu valioso catálogo bibliográfico. Da presente edição incumbiu-se José Honório Rodrigues, que redigiu extensa notícia sobre o historiador pernambucano e procurou atualizar as indicações bibliográficas relativas às traduções recentes de obras arroladas no volume. Anexaram-se-lhe, ainda, mais dois trabalhos de Alfredo de Carvalho: a *Biblioteca exótico-pernambucana* e a *Bibliografia Geográfica Brasileira*, ambas constituídas na maior parte de indicações já constantes da *Biblioteca Exótico-Brasileira*.

Embora não haja, da parte do prefaciador, nenhum esclarecimento quanto ao estado em que se encontravam os originais do autor pernambucano, é de supor-se que, embora dada como completa, a *Biblioteca Exótico-Brasileira*, nos verbetes agora divulgados, esteja ainda muito falha. Não é crível, por exemplo, que Alfredo de Carvalho, redigindo uma bibliografia das obras estrangeiras publicadas sobre o Brasil, haja omitido as mais valiosas de todas elas, quais as de Auguste de Saint-Hilaire, ou haja deixado de mencionar um autor como Carl Seidler, não que este tenha realmente importância, mas dada a circunstância de que uma de suas obras fôra traduzida pelo próprio Alfredo de Carvalho!

Distribuída pela Biblioteca Nacional esta complementação da *Biblioteca exótico-brasileira*, numa ocasião em que os três primeiros volumes já se encontram totalmente exgotados, que há de fazer o estudioso de nossa História interessado

em bibliografia estrangeira? E' certo — como lembra o apresentador dêste recente volume — que não é da alçada da Biblioteca Nacional reeditar aquêles volumes, mas apenas divulgar os inéditos conservados em seu acervo. E' pena. A obra de Alfredo de Carvalho merecia uma edição integral, corrigida daquelas falhas que Rubens Borba de Moraes há pouco apontou e atualizada nas indicações relativas às traduções hoje já bastante numerosas. Certamente isto não se fará. Lamentamos mais uma vez, ainda mais que nem nas bibliotecas públicas são facilmente encontráveis aquêles três primeiros volumes que o carinho de Eduardo Tavares tirou do esquecimento e aos quais completou agora, em parte, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, graças ao interêsse de José Honório Rodrigues e de Adonias Filho, diretor da grande instituição criada por D. João VI e cujos *Anais* constituem uma das mais valiosas fontes para a bibliografia histórica de nosso país.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

*

* *

ANDREONI, João Antônio (André João Antonil) ou ainda Anônimo Toscano, *Cultura e opulência do Brasil*. Coleção "Roteiro do Brasil" Volume 2. Direção de Rubens Borba de Moraes. Introdução e Vocabulário de Alice Piffer Canabrava. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1967, ilustrado, 316 pp. tamanho 0,14 x 0,21 — 8a. Edição.

Iniciamos com muita felicidade o *Anno Domini* de 1967, com o lançamento da obra do toscano Antonil.

Embora

"Escrito no início do século XVIII, êste livro conserva, após dois séculos e meio, extraordinária atualidade. Seu campo de observação está situado numa fase crucial da economia brasileira da transição da economia à base da produção açucareira, para à base do metal aurífero. Problemas básicos da economia brasileira, ontem como hoje de trato quotidiano, como o uso da terra, da técnica de produção, da organização de trabalho, dos níveis de exportação, nêle são tratados".

A obra é a um só tempo erudita e didática.

Muitas vêzes o prefácio de uma obra torna-se mais importante do que a própria obra, foi o que se deu com o trabalho exaustivo da professora Alice P. Canabrava, na Introdução à obra de Antonil, já conhecida entre nós.

A obra de Antonil é vivida em quatro partes, a saber:

Primeira: Constituida de 3 livros. *No Livro I*, que abrange XII capítulos, trata desde o conhecimento que precisa ter o senhor de Engenho, seu comportamento com os lavradores e outros vizinhos, das pessoas a serem admitidas a seu serviço, das funções do feitor-mor, e outros elementos do engenho, da purgação do açúcar, das relações do Senhor de engenho com os seus escravos oriundos de diversas partes da África, do Senhor de engenho como patriarca, recebimento dos hóspedes, modos de vender e comprar o açúcar.